

## Citação deste texto

Teixeira, José (2001). “Entre o Espaço e o Tempo: valores e estatuto semântico de antes/depois”, in *Revista Portuguesa de Humanidades*, volume 5, fascs. 1-2. Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, pp. 163-193. (ISSN 0874-0321)

# Entre o Espaço e o Tempo: valores e estatuto semântico de *antes/depois*

JOSÉ TEIXEIRA

(ILCH – Universidade do Minho)

## 1. Diferenças de aceitabilidade entre *antes/depois* e *à frentelatrás*

Uma típica localização espacial no eixo da frontalidade, em que o movimento não se intrometa, é configurada espacialmente sem grandes dúvidas ou variações, quer quanto à aceitabilidade, quer quanto à não aceitabilidade:



Figura 1

- (1) O carvalho está à frente da palmeira.
- (2) A palmeira está atrás do carvalho.
- (3) \*O carvalho está atrás da palmeira.
- (4) \*A palmeira está à frente do carvalho.

Quando, na mesma situação, o movimento é introduzido, o panorama altera-se radicalmente:

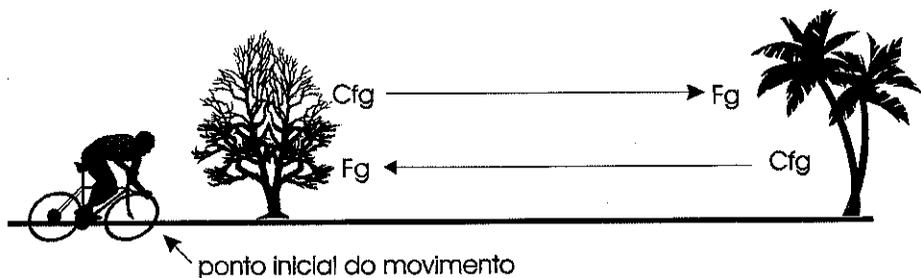
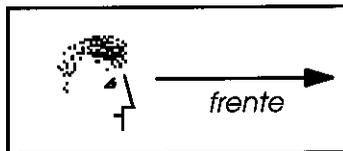
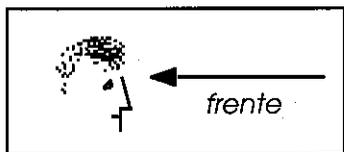


Figura 2

- (5) \*O carvalho está à frente da palmeira.
- (6) \*A palmeira está atrás do carvalho.
- (7) \*O carvalho está atrás da palmeira.
- (8) A palmeira está à frente do carvalho.

É que com [movimento] (real ou potencial) inverte-se a zona culminativa (ou focal) de *frente*: já não é a que fica o mais próximo possível da cara do observador, mas a que fica mais afastada (em situação prototípica, na direcção do olhar):

Figura 3: *frente*-modelo original («estático») Figura 4: *frente*-modelo do movimento

No entanto, este novo elemento, o [movimento], nem sempre prevalece sobre as configurações estáticas. Estas podem, em determinadas situações, «resistir» e esquecer o dinamismo que estrutura toda a situacionalidade, o que acarreta, naturalmente, configurações antitéticas para os mesmos elementos, na mesma situação:



Figura 5

- (9) A palmeira está atrás do carvalho.
- (10) O carvalho está à frente da palmeira.
- (11) A palmeira está à frente do carvalho.
- (12) \*O carvalho está à frente da palmeira.
- (13) \*O carvalho está atrás da palmeira.

Há, no entanto, uma forma de localização inequívoca para todas as situações apresentadas:

- (14) O carvalho está antes da palmeira.
- (15) A palmeira está depois do carvalho.

Por que é que, nestas situações, a localização através de marcadores espaciais é mais confusa e normalmente é preterida em relação à localização feita através dos marcadores temporais? Precisamente porque na espacialidade há mais do que um modelo em confronto, o que torna possível localizar antiteticamente a mesma Figura<sup>1</sup>: a palmeira pode estar *atrás* do carvalho (modelo estático) ou *à frente* do carvalho (modelo dinâmico).

Mas há um facto ainda mais estranho. Vimos que numa situação que implicasse [movimento], como a representada na figura 2, não eram aceites estas duas localizações:

- (16) \*O carvalho está à frente da palmeira.

---

<sup>1</sup> Qualquer configuração espacial implica necessariamente duas realidades: uma que se quer localizar (a Figura = Fg) e outra que serve de referência a essa localização (o Configurante = Cfg). Ver, a propósito desta nossa nomenclatura, Teixeira 2001: 240-244.

(17) \*O carvalho está atrás da palmeira.

embora, na mesma situação, fosse aceitável

(18) A palmeira está à frente do carvalho.

Geometricamente (matematicamente) isto parece um absurdo: se [X] está à *frente* de [Y], [Y] está *atrás* de [X]. Por que não é aceitável verbalizá-lo?

Noutra ocasião já demoradamente procurámos demonstrar (ver Teixeira 2001: 367-378) que (*a*)*atrás* implica [proximidade] e [1 (um) lugar]. Enquanto no vector *frente* a Fg e o Cfg não têm de estar próximos nem no mesmo lugar, em (*a*)*atrás* a Fg está sempre próxima do Cfg: ou fisicamente, ou a ele ligada através de um movimento de aproximação. Esta situação parece confirmar isto mesmo. Considerando o percurso do ciclista, quanto mais longe do carvalho estiver a palmeira, mais à *frente* dele está; no entanto, não é aceitável dizer que quanto mais longe estiver o carvalho da palmeira mais *atrás* dela está! Parece, pois, confirmar-se que prototipicamente *atrás* implica [proximidade] e unicidade de lugar. Note-se que na situação «estática», o carvalho só pode ser configurado relativamente à palmeira (e vice-versa) se os dois forem considerados num mesmo lugar.

Mas talvez não seja este o factor mais impeditivo de configurar, neste modelo dinâmico, o carvalho *atrás* da palmeira. O facto de a palmeira poder ser facilmente configurada à *frente* do carvalho deve levar-nos logo a pressupor que o que está em causa também pode ser a não reversibilidade entre Fg e Cfg que por princípio acontece (ver Teixeira 2001: 244-246). Só que neste caso, não se trata de qualquer característica física (estática ou dinâmica) dos próprios figurantes, já que eles são absolutamente equivalentes (duas árvores do mesmo tamanho, «paradas», naturalmente).

Pensamos ser inquestionável que cognitivamente o Cfg, o elemento tido por ponto de referência, é modelizado como o elemento **a partir do qual** a Fg se situa, ou, dito de outra forma, é o elemento **origem** da localização da Fg. Ou seja, a localização da Fg é feita **a partir** do Cfg. Por isso, num modelo dinâmico, o elemento que serve de Cfg espacial terá de ser aquele que mais próximo está do ponto inicial do movimento. É mais fácil construir um modelo mental em que o Cfg esteja próximo do ponto inicial e depois configurar as Figuras relativamente a ele (o que exige ape-

nas um sentido direccional), do que o inverso, que pressupõe sentidos direccionais contrários:

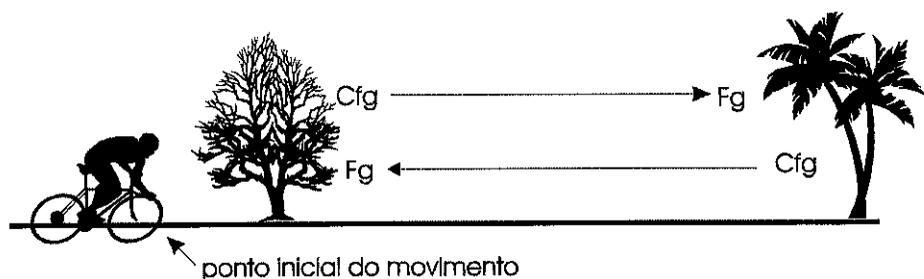


Figura 6

Como facilmente se vê pela figura 6, configurar a palmeira a partir do carvalho (*A palmeira está à frente do carvalho*) implica um modelo mental em que o sentido direccional da configuração coincide com o sentido direccional do movimento que enforma a própria configuração; configurar o carvalho a partir da palmeira (*\*O carvalho está atrás da palmeira*), implica um modelo mental em que o sentido direccional da configuração contradiz o sentido direccional do movimento da referida configuração. A «estranheza» que sentimos na frase que coloca o carvalho *atrás* da palmeira resulta, para além dos outros aspectos focados, disto mesmo: um modelo que não consegue compatibilizar o «movimento de configuração» com o movimento referido pelo próprio modelo.

Todavia, como já indicámos, saindo do eixo espacial e inserindo-nos no temporal, qualquer dos elementos pode, igualmente bem, ser quer a Fg, quer o Cfg:

- (19) O carvalho está antes da palmeira.
- (20) A palmeira está depois do carvalho.

O que é que há agora de diferente para acontecer que qualquer dos figurantes possa ser escolhido para Cfg? Aparentemente nada mudou: os elementos figurantes continuam a ser os mesmos (carvalho/palmeira) e o movimento é o mesmo e com o mesmo sentido. Assim, *antes/depois* serão os «sinónimos» de *atrás/à frente*. No entanto, embora os elementos constitutivos da situação não tenham mudado, mudou a forma como a mesma situação passou a ser estruturada. Ou seja, mudou o modelo mental que

a traduz através da substituição de uma configuração **espacial** por uma **temporal**. O que acarreta algumas mudanças.

## 2. *Antes/depois* e ponto inicial do movimento

Num modelo mental espacial, as posições relativas dos elementos são dadas em função de um, o Cfg, relativamente ao qual os outros são situados nos eixos da frontalidade, verticalidade, lateralidade ou interioridade. Uma configuração espacial prototípica faz-se, assim, entre dois elementos:  $Fg \Leftrightarrow Cfg$ . Os elementos são vistos como autónomos, discretos e não inseridos em qualquer escala gradativa. Num modelo temporal, ao inverso, o elemento estruturador é contínuo e a configuração não se faz relativamente ao Cfg enquanto elemento autónomo, mas em relação ao ponto temporal ocupado pelo mesmo Cfg. Ou seja, enquanto a base em que assenta a configuração espacial se estrutura sobre dois elementos ( $Fg/Cfg$ ) sendo um configurado em relação ao outro, a configuração temporal inscreve-se numa escala gradativa, contínua, onde cada elemento irá ocupar uma posição, em primeiro lugar relativamente à escala, e por causa disso, em segundo lugar, relativamente aos outros elementos escalados.

O facto de todos os modelos temporais assentarem numa única linha contínua unidireccional (o tempo) torna, em princípio, mais simples e claros os processos de configuração temporal<sup>2</sup>. Os vectores espaciais podem ser muitos e possuírem vários sentidos: o temporal é só um e de sentido único. Por isso, como vimos, contraposta à dificuldade de configurar espacialmente a anterior situação, a facilidade com que se configura temporalmente: o carvalho será sempre situado inequivocamente *antes* da palmeira e esta *depois* do carvalho.

A partir daqui tentemos definir o modelo que traduz *X antes de Y/ Y depois de X* (figura 7):

---

<sup>2</sup> Ver, a este propósito, (as relações entre tempo, espaço e respectivas configurações) Teixeira 2001: 457-460.

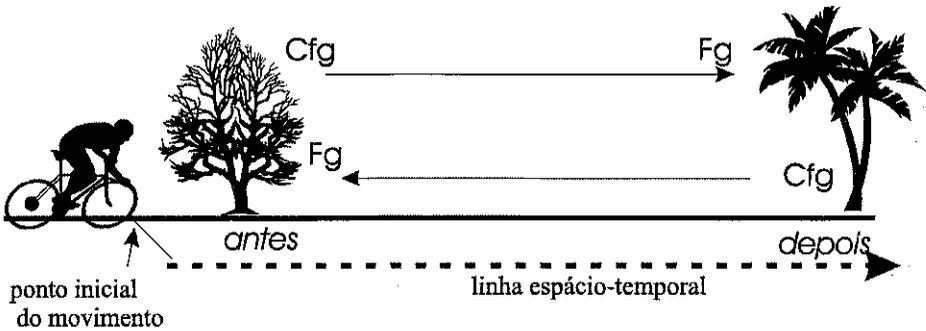


Figura 7

*antes/depois-1*:  $X$  antes de  $Y$  indica que numa linha espaço-temporal comum a  $[X]$  e a  $[Y]$ ,  $[X]$  se situa num ponto mais próximo do início do que  $[Y]$ . O inverso para  $Y$  depois de  $X$ : numa linha espaço-temporal comum a  $[X]$  e a  $[Y]$ ,  $[Y]$  situa-se num ponto mais afastado do início do que  $[X]$ .

A ser assim, *antes/depois* podem realmente ser considerados simultaneamente marcadores temporais e espaciais, já que referenciam pontos espaço-temporais.

No entanto, a modelização traduzida por *antes/depois* parece contradizer-se quando se aplica aos próprios elementos em movimento:

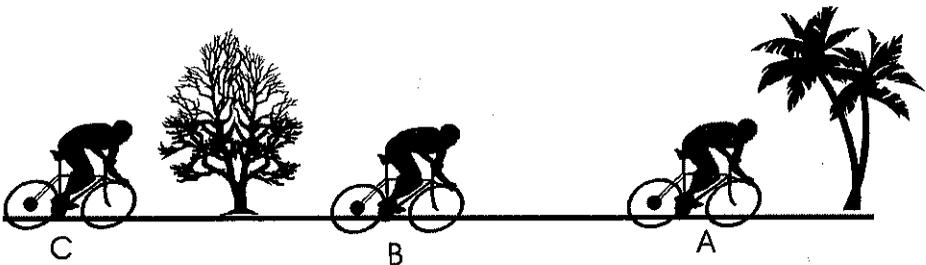


Figura 8

- (21) O ciclista A está antes do B e do C.
- (22) O ciclista B está antes do C.
- (23) O ciclista B está depois do A.

(24) O ciclista C está depois do B e do A.

Neste caso, o valor de *antes/depois* é exactamente o oposto ao definido em *antes/depois-1*: agora *antes* implica um ponto espaço-temporal mais afastado do ponto inicial do movimento, e o inverso para *depois*. Isto obriga-nos a contrapor a *antes/depois-1* uma nova regra que dê conta destes casos:

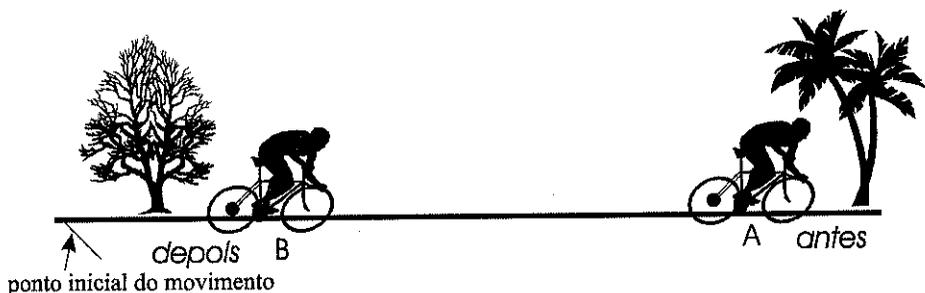


Figura 9

*antes/depois-2*: Relativamente aos elementos em movimento, *X antes de Y* indica que numa linha espaço-temporal comum a  $\{X\}$  e a  $\{Y\}$ ,  $\{X\}$  se situa num ponto mais afastado do início do que  $\{Y\}$ . O inverso para *Y depois de X*: numa linha espaço-temporal comum a  $\{X\}$  e a  $\{Y\}$ ,  $\{Y\}$  situa-se num ponto mais próxima do início do que  $\{X\}$ .

### 3. *Antes/depois* e a secundarização da configuração espacial

Isto deve levar a questionarmo-nos sobre se efectivamente *antes/depois* serão **mesmo** marcadores **espaciais**, já que com os mesmos figurantes e na mesma situação referenciam o mesmo lugar como podendo estar simultaneamente *antes* e *depois* de um outro. O ciclista  $\{A\}$  está junto à palmeira e o ciclista  $\{B\}$  junto ao carvalho. No entanto, enquanto a palmeira está *depois* do carvalho, o ciclista  $\{A\}$ , junto dela, está *antes* do outro que se encontra junto ao carvalho:

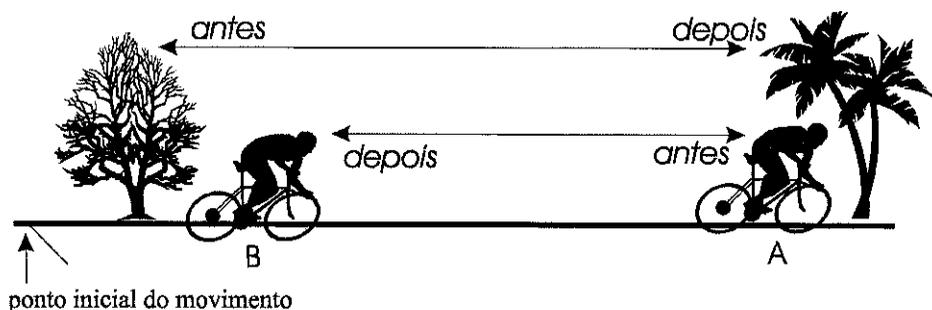


Figura 10

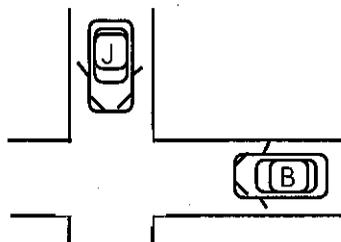
Afigura-se óbvio, a partir daqui, que *antes/depois* **não se destinam a marcar um ponto espacial**. Se podem marcar o mesmo ponto do espaço, na mesma situação, de forma contraditória, parece – vê-se – que o espaço em absoluto é secundarizado. E se é secundarizado, teremos que tentar perceber o que é que é prioritário para *antes/depois*.

### 3.1. A noção de «encontro potencial»

Vandeloise (1986) define o par francês *avant/après* (que considera formado por duas **preposições espaciais**) através da noção de «encontro potencial» (*rencontre potentielle*):

*a est avant / après b* si la cible est plus proche / plus éloignée du second élément d'une rencontre potentielle que le site. (Vandeloise 1986: 174)

Sabendo que para Vandeloise *cible*=Fg e *site*=Cfg, e aceitando a correspondência com *antes/depois*, devemos entender esta definição como «*a* está antes de *b* se estiver mais próximo do que *b* do ponto de encontro potencial». E fornece uma ilustração que parece demonstrar isto mesmo:



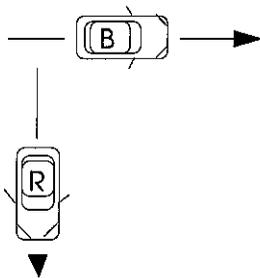
(38) la voiture jaune est avant la voiture bleue

La phrase (38) se justifie par rapport au carrefour, le point de rencontre potentiel des deux voitures. Le véhicule le plus proche de ce point est *avant* le véhicule le plus éloigné. (Vandeloise 1986: 175)

A noção de «encontro potencial», embora à primeira vista pareça atractiva e justificativa, levanta, na realidade, muitos problemas. Na situação exemplificada por Vandeloise, em princípio, não haverá nenhum encontro entre {B} e {J}: este passará primeiro e {B} passará depois. Só isso é que justifica que {J} possa ser considerado *avant/antes* de {B}. Aliás, a própria ideia de «encontro», que implica [junção] e [simultaneidade], é potencialmente contrária à ideia de um estar *antes* e outro *depois*. Note-se, ainda, que a prototipicidade da situação de encontro potencial não é acompanhada pela prototipicidade de *avant/après* (ou *antes/depois*), o que parece indicar que o encontro potencial não é o elemento fulcral estruturador daqueles marcadores.

Vandeloise, para confirmar a sua definição de *avant/après*, apresenta uma situação com a qual tenta justificar que sem o encontro potencial não é possível utilizar este par de marcadores:

La définition (*avant/après*) explique directement pourquoi ces prépositions ne peuvent s'appliquer à la scène:

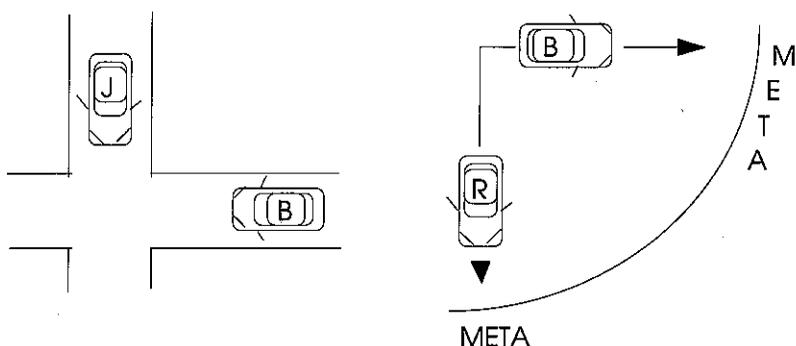


(36) \* l'auto rouge est avant l'auto bleue

(36) \* l'auto bleue est avant l'auto rouge (Vandeloise 1986: 175).

Só que esta situação é enganadora. Vandeloise não relaciona de qualquer forma os dois elementos, não podendo estes, por isso, serem configurados conjuntamente. Mas tal facto não se deve à ausência de um encontro potencial. Os mesmos elementos, sem encontro potencial e com a

mesma direccionalidade, podem ser configurados com os marcadores *avant/après* ou *antes/depois*. Imaginemos uma corrida em que os carros saem do centro de uma enorme arena/circunferência, sendo a meta a linha limitadora da própria circunferência. A aceitabilidade de *avant/après* ou *antes/depois* parece-nos ser exactamente a mesma que na situação do cruzamento:



- la voiture jaune est avant la voiture bleue

- l'auto rouge est avant l'auto bleue

Figura 11

Querer, hipoteticamente, «ver» na linha da meta o ponto de encontro potencial, é forçar e inverter a noção de «ponto de encontro», já que quanto mais próximos dessa linha estiverem, mais afastados um do outro se encontram!

Para além da noção de encontro potencial, Vandeloise alicerça a sua definição na maior ou menor proximidade relativamente a um ponto (o do referido *rencontre potentielle*). Recorde-se:

*a est avant / après b si la cible est plus proche / plus éloignée du second élément d'une rencontre potentielle que le site.* (Vandeloise 1986: 174, destacado nosso)

Ou seja, segundo Vandeloise, ao utilizar *avant/après* (ou *antes/depois* em português) ter-se-á sempre que calcular que elemento está mais próximo do hipotético ponto de encontro.

O primeiro argumento contra é a evidência constatável de que na maior parte das situações sabemos dizer quem está *antes* e quem está

*depois* numa fila de ciclistas, mesmo sem sabermos onde termina a corrida! Pode argumentar-se defendendo que a ordem sequencial que presenciemos é projectada para a meta. Ou seja, «fazemos de conta» que aquela irá ser a ordem de chegada. No entanto, não se vê a utilidade de todo este «transporte mental»: para quê «transportar para o fim» um quadro que se destina a ser *hic et nunc* avaliado? Depois, pode provar-se que a pressuposição/certeza da ordem de chegada é irrelevante para a configuração *antes/depois* durante o percurso:

1) A altíssima probabilidade de saber quem chegará primeiro não influencia a posição relativa de *antes/depois* durante o percurso:



Figura 12

(25) A lebre está **depois** da tartaruga, mas vai chegar à meta antes.

2) A impossibilidade de prever quem chegará primeiro ou está mais perto é igualmente irrelevante:

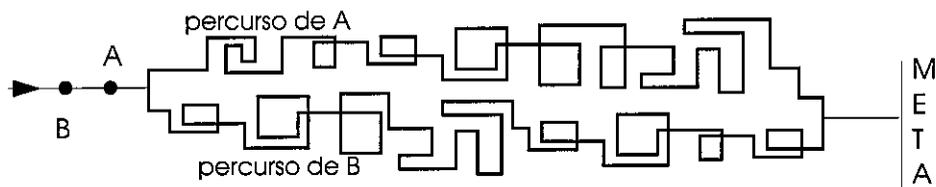


Figura 13

(26) {A} está antes de {B} e {B} está depois de {A}.

3) A certeza de quem chegou primeiro não influencia a configuração relativa durante o percurso: no visionamento, em vídeo, de uma corrida que se sabe que foi ganha pela atleta portuguesa:

- (27) Para já a portuguesa está depois da etíope, mas à meta é a etíope que chega depois.

Ora então se as noções de encontro potencial e de proximidade desse encontro não são adequadas para a definição de *antes/depois*, ter-se-á que tentar descobrir outras mais eficientes.

### 3.2. O experienciador da configuração

O grande equívoco, quanto a nós, que subjaz habitualmente à definição de *antes/depois* é a pressuposição (também presente em Vandeloise que considera *avant/après* prioritariamente espaciais) que aqueles marcadores são equivalentes a *atrás/à frente* e que tal como estes relacionam dois elementos, digamos [A] e [B]: *{A} antes de {B}* ou *{A} depois de {B}*. Pressupõe-se que tudo se passa entre estes dois elementos e uma linha espacial/temporal. Mas se assim fosse, por que razão são possíveis configurações com *atrás/à frente* entre apenas dois figurantes e não é possível, entre os mesmos, o relacionamento com *antes/depois*?:

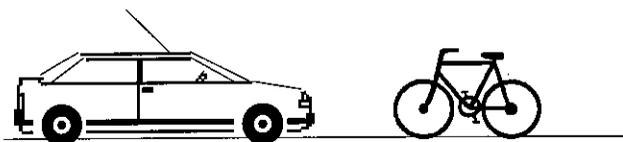


Figura 14

- (28) A bicicleta está à frente do carro.  
 (29) O carro está à frente da bicicleta.  
 (30) ?A bicicleta está antes do carro.  
 (31) ?A bicicleta está depois do carro.  
 (32) ?O carro está antes da bicicleta.  
 (33) ?O carro está depois da bicicleta.

Isto acontece porque com *antes/depois* há sempre obrigatoriamente mais um elemento que subjaz (ou sobrejaz) a toda a configuração e relativamente ao qual toda ela se orienta. Esse elemento é o «observador da situação» em relação ao qual [A] e [B] são configurados. É esse elemento,

que nem sempre é necessário nas configurações espaciais, que fornece a dimensão cognitiva ao processo, já que é a sua relação experienciadora perante o mesmo que irá decidir o que é que está *antes* e o que está *depois*. Vamos chamar-lhe, por tal razão, o **experienciador** (Exp).

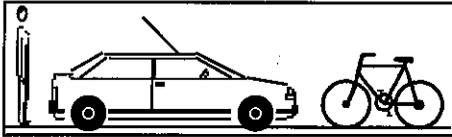


Figura 15

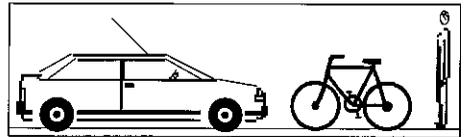


Figura 16

- |  |  |
|--|--|
| (34) A bicicleta está à frente do carro. | (35) A bicicleta está à frente do carro. |
| (36) O carro está à frente da bicicleta. | (37) O carro está à frente da bicicleta. |
| (38) *A bicicleta está antes do carro.   | (39) A bicicleta está antes do carro.    |
| (40) A bicicleta está depois do carro.   | (41) *A bicicleta está depois do carro.  |
| (42) O carro está antes da bicicleta.    | (43) *O carro está antes da bicicleta.   |
| (44) *O carro está depois da bicicleta.  | (45) O carro está depois da bicicleta.   |

Isto significa que *antes/depois* não envolvem apenas dois elementos [A, B] num segmento espaço-temporal (E/T), ou seja, a estruturação do modelo não pode, desde já, ser entendida como

**[A] antes/depois de [B] em E/T**

mas sim

**[A] antes/depois de [B] para Exp em E/T.**

Assim, *antes/depois* assenta na relação de primariedade/ secundariedade que [A]/[B] mantêm relativamente ao experienciador: o primeiro elemento a ser experienciado está *antes*, o elemento experienciado secundariamente está *depois*.

Ora as experiências, embora se situem simultaneamente no tempo e no espaço, só podem ser **ordenadas temporalmente**: entre os pontos do espaço não há uma ordem sequencial; só há entre os pontos do tempo. Quando o espaço é ordenado, é-o através de uma sequencialização temporal. Isto implica que a configuração *antes/depois* é prioritária e intrin-

secamente temporal. Todos os usos espaciais de *antes/depois* incluem o vector temporal, mas os usos prototípicos, os temporais, não incluem o vector espacial:

- (46) Depois de ouvir Mozart, ouvi Beethoven.
- (47) Antes de falares, pensa no que vais dizer.

### 3.3. As implicações espaciais do valor temporal de antes/depois

Só que uma grande parte dos processos temporais entrecruzam-se com a espacialidade: chama-se à resultante «movimento». No movimento, temos, portanto, espaço e tempo experienciados simultaneamente. Resulta do facto que embora *antes/depois* sejam marcadores temporais, não entram apenas em modelos exclusivamente temporais. Entram em **qualquer** modelo temporal. Ora, como já se disse, numa grande parte dos modelos temporais também entram vectores espaciais (quando há movimento); segue-se, naturalmente, que estes **marcadores temporais** irão indiciar **implicações espaciais**, o que não quer dizer que **sejam** marcadores espaciais.

Retomemos a situação há pouco descrita em que se configuram espacialmente de forma oposta os dois elementos do par de ciclistas e as duas árvores. Como vimos, o carvalho está *antes* da palmeira, mas o ciclista que está junto dele está *depois* do que se encontra junto à palmeira:

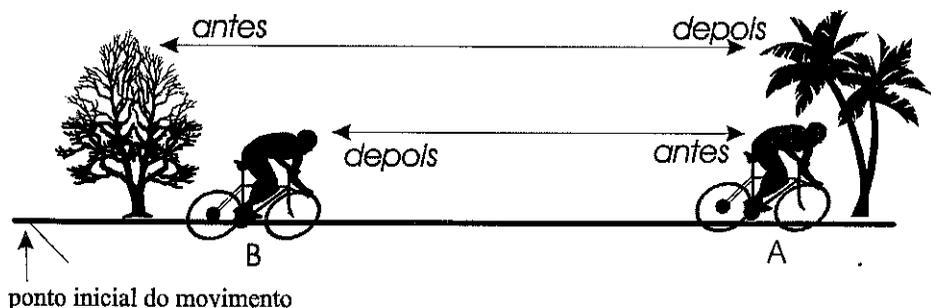


Figura 17

O que é que é comum, nesta situação, aos dois elementos *antes* e aos dois elementos *depois* (ao carvalho e ao ciclista [A], por um lado, e à pal-

meira e ao ciclista [B], por outro), é exactamente a **primariedade/ /secundariedade** (temporal, obrigatoriamente) de **experienciação** relativamente ao Exp de um encontro cognitivo. Nos processos dinâmicos, a posição do Exp do encontro cognitivo coincide sempre com o elemento frontal: este é considerado em posição canónica de encaramento com o Exp. Cada observador projecta sempre a sua visão (fornecedora do encontro cognitivo) para a posição de encaramento relativamente ao elemento frontal do processo dinâmico. Por outras palavras: cada observador (experienciador) do movimento, ao utilizar a configuração *antes/depois* vê (projectivamente) o mesmo movimento como se estivesse a olhar de frente para o elemento que vai à frente. Por isso, qualquer que seja o lugar onde se encontra um qualquer observador, a relação *antes/depois* permanece inalterada:

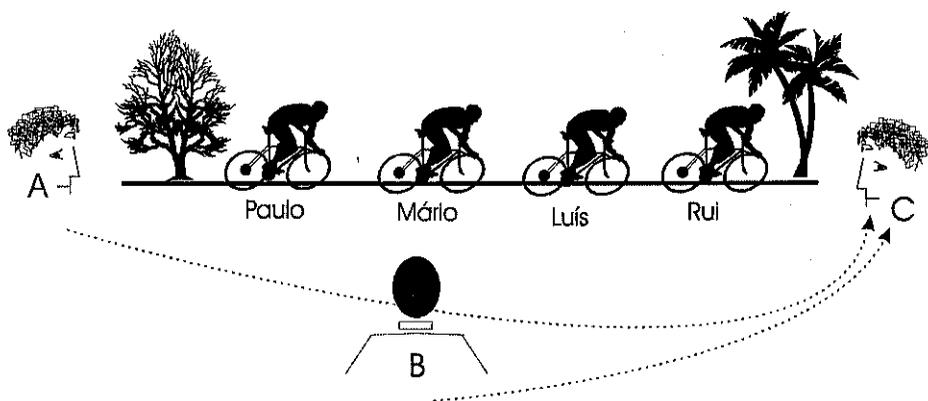


Figura 18

Quer o observador [A], quer o [B] se projectam como observadores para a posição de [C]. Por isso,

(48) O Rui vai antes do Luís e o Paulo vai depois do Mário.

é válido para [A], [B], [C] ou qualquer um outro observador em qualquer outro ponto.

Já o mesmo não se passa no que diz respeito à ordenação relativa das árvores. Ao contrário da corrida, como elas não estão ordenadas por uma linha temporal, mas apenas espacial, é sempre pela posição do experienciador que elas são sequencializadas: a primeira que se inserir

num encontro cognitivo é dita *antes* e cada nova com a qual se processa novo encontro é dita *depois*. Como é sempre a *frente* do processo dinâmico que estabelece o encontro cognitivo, pressupõe-se que a primeira árvore a ser encontrada (encontro cognitivo) pela *frente* da corrida foi o carvalho, sendo, por esse facto, considerado *antes* da palmeira.

Podem parecer que relativamente aos elementos estáticos se pode prescindir das noções de «encontro cognitivo» e de «movimento pressuposto», atribuindo a *antes/depois* uma equivalência espacial: *antes=atrás, nas costas e depois=à frente, na zona para onde se volta o olhar*. Parece que esta equivalência explica satisfatoriamente



Figura 19

(49) O carvalho está antes da palmeira.

No entanto, esta «equivalência» não resulta da situacionalidade espacial dos figurantes, mas da pressuposição de um encontro cognitivo em que os carros (=pessoas dentro) encontraram em primeiro lugar o carvalho. Tal pressuposição deve-se ao facto de atribuímos a um movimento o prolongamento do sentido direccional que ele tem na altura. Se tivermos outros elementos que nos forneçam outra possibilidade de interpretação, então os figurantes são ordenados de outra forma. Na última situação, imaginemos que estávamos numa parte alta que nos permitia ver o caminho que os carros percorriam: poderíamos ter de configurar de forma antitética os mesmos elementos, na mesma posição:

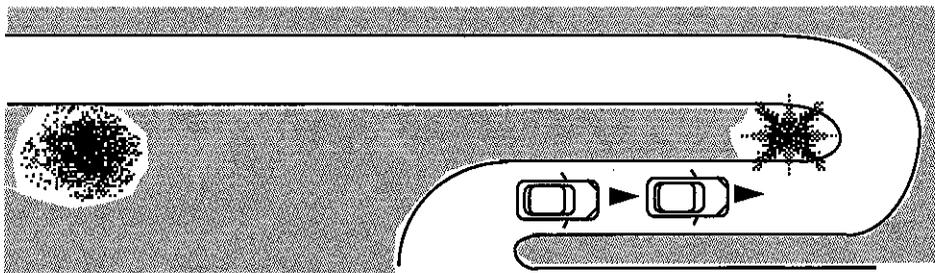


Figura 20

- (50) \*O carvalho está antes da palmeira.  
 (51) O carvalho está depois da palmeira.

Nas configurações estáticas, a ausência de movimento dos figurantes não permite que haja sequencialização. Neste caso, o Exp terá que ser explícito, sendo ele que ordena o espaço e, conseqüentemente, os respectivos lugares. A ordenação é feita da mesma forma que com o movimento: o(s) elemento(s) que o Exp encontra em primeiro lugar relativamente a outro(s), está/estão *antes*. Como a nossa experiência e o conhecimento do mundo nos ensinam, os elementos que o nosso olhar nos diz que estão mais próximos serão os primeiros com os quais podemos fazer «encontros cognitivos»: daí ser a linha do olhar a que estrutura uma relação *antes/depois* entre elementos estáticos:

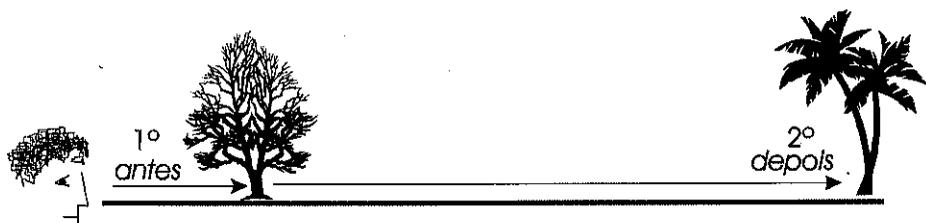


Figura 21

Ao contrário do que acontecia nos elementos inseridos em processos dinâmicos, agora a configuração depende do ponto espacial em que se situa o observador, já que a posição do experienciador é a mesma da do observador, não havendo, como acontece nos processos dinâmicos, transferência ou projecção:

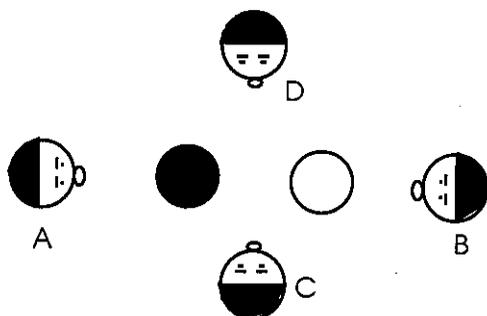


Figura 22

Para [A]

(52) A bola preta está antes da branca.

(53) \*A bola preta está depois da branca.

Para [B]

(54) \*A bola preta está antes da branca.

(55) A bola preta está depois da branca.

Para [C]

(56) \*A bola preta está antes da branca.

(57) \*A bola preta está depois da branca.

Para [D]

(58) \*A bola preta está antes da branca.

(59) \*A bola preta está depois da branca.

Veja-se que só pode haver configuração *antes/depois* quando todos os elementos (Fg, Cfg e Exp) se inserem num vector de movimento potencial. Como com [C] e [D] isso não acontece, não é possível configurar Fg e Cfg na vertente *antes/depois*.

Assim, parece-nos lícito fazer as seguintes comparações a partir da confrontação entre as configurações *atrás/à frente* e *antes/depois*:

<i>atrás/à frente</i>	<i>antes/depois</i>
Pode bastar uma Fg e um Cfg.	Não basta uma Fg e um Cfg.
Não exige obrigatoriamente Exp.	Exige obrigatoriamente Exp.
Pode haver configuração sem movimento potencial.	Não pode haver configuração sem movimento potencial.
É possível a aplicabilidade exclusivamente espacial.	Não é possível a aplicabilidade exclusivamente espacial.
Modelo prototipicamente espacial com implicações espaço-temporais.	Modelo prototipicamente temporal com implicações espaço-temporais.

Como os dois pares configuradores têm implicações espaço-temporais, eles são quase sempre tomados como equivalentes. E a partir daqui, a dimensão espacial é tida como a primeira, e a temporal a segunda, em ambos os casos. O que procurámos demonstrar é que no caso de *antes/depois* essa «metaforização» não se verifica, sendo estes marcadores intrínseca e prototipicamente temporais. As vertentes espaciais que possuem decorrem da respectiva estruturação linguístico-cognitiva: as experiencições do movimento implicam o tempo, mas também o espaço. E este, com *antes/depois*, é sempre dado em função daquele, e não o inverso. E não é dado «metaforicamente», como usualmente é aceite, mas implicativamente: o espaço que *antes/depois* configura não é o espaço-em-si, a pura espacialidade, mas antes as vertentes espaciais implicadas num processo temporal. Mesmo a sua aplicabilidade aparentemente espacial, com figurantes estáticos, assenta no dinamismo de um movimento potencial entre um Exp e os outros figurantes da situação.

### 3.4. Proposta de definição dos marcadores *antes/depois*

Ora como são variáveis as implicações entre o espaço e o tempo num movimento (para o vector da [frontalidade]), variáveis serão também as «equivalências» entre os marcadores prototipicamente espaciais (*atrás/à frente*) e os prototipicamente temporais (*antes/depois*). E por isso não será de admirar que quando se querem fazer as tais «equivalências» entre uns e outros, os resultados sejam confusos: *atrás* tanto pode «equivaler» a *antes* como a *depois*. As entradas lexicográficas são o melhor exemplo disto mesmo (Teixeira 2001: 460 e segts.).

Se, então, se pode concluir que *antes/depois* não são marcadores espaciais aplicados ao tempo, nem de forma indistinta à globalidade espaço/tempo, mas antes marcadores temporais que, por assim serem, acarretam **implicações espaciais**, devemos reformular a espinha estrutural que propusemos para indicar os elementos configurados pelos referidos marcadores. Assim, em vez de

**{A} antes/depois de {B} para Exp em E/T.**

que pressupõe que *antes/depois* possuem uma dimensionalidade simultaneamente espaço-temporal, será mais correcta uma formulação que indique que são prioritária e prototipicamente marcadores temporais com implicações espaciais quando o movimento junta espaço e tempo. Neste caso, a formulação

**{A} antes/depois de {B} para Exp em T( $\Rightarrow$ E).**

refere a exigência da Fg e do Cfg ( $\{A, B\}$ ), do Exp, da prototipicidade temporal com implicações espaciais (**em T( $\Rightarrow$ E)**).

A partir daqui, poderemos reformular as duas definições de *antes/depois* que no início propusemos (uma para os modelos estáticos e outra para os dinâmicos) e fundi-las apenas numa que dê conta da globalidade dos processos:

*antes/depois*: *X antes de Y* indica que, para um Exp(erienciador),  $\{X\}$  e  $\{Y\}$  se situam sequencialmente numa linha temporal possibilitadora dos encontros cognitivos  $[Exp/X]$  em  $T_0 > [Exp/Y]$  em  $T_1$ ; *X depois de Y* indica que, para um Exp(erienciador),  $\{X\}$  e  $\{Y\}$  se situam sequencialmente numa linha temporal possibilitadora dos encontros cognitivos  $[Exp/X]$  em  $T_1 < [Exp/Y]$  em  $T_0$ .

Isto significa que *antes* perspectiva os encontros cognitivos numa sequencialidade  $T_0 > T_1$  relativamente à Fg. Ou seja, a Fg ocupa o ponto temporal mais próximo do ponto inicial referenciador do processo; *depois* perspectiva os encontros cognitivos numa sequencialidade inversa,  $T_1 < T_0$ ; a Fg ocupa agora um ponto temporal mais afastado do ponto inicial do processo.

Sendo assim, parece-nos que a fórmula que mais sintética e globalmente retratará todo o modelo linguístico-cognitivo será

$$\begin{array}{l}
 X \text{ antes de } Y: \quad [[\text{Exp}/X] \Rightarrow T_0] \leftrightarrow [[\text{Exp}/Y] \Rightarrow T_1] \\
 X \text{ depois de } Y: \quad [[\text{Exp}/X] \Rightarrow T_1] \leftrightarrow [[\text{Exp}/Y] \Rightarrow T_0]
 \end{array}$$

porque

1) começa sempre pela Fg (X) que linguística e cognitivamente é o actante desencadeador do processo;

2) relaciona a Fg {X} e o Cfg {Y} com um Experienciador agente dos encontros cognitivos ([Exp/X], [Exp/Y]) sem o qual não existe configuração;

3) indica que há uma relação de implicação mútua ( $\leftrightarrow$ ) entre Fg e Cfg;

4) indica que a sequencialização temporal tanto pode ser  $T_0 \leftrightarrow T_1$  (em *antes*) como  $T_1 \leftrightarrow T_0$  (em *depois*);

5) e mais importante que tudo (a nosso ver), indica que todo o modelo é muito simples e assenta apenas numa diferença de sequencialização cognitiva entre dois momentos temporais.

#### 4. *Atrás/à frente e antes/depois: traduzibilidade entre modelos espaciais e temporais*

Quando se afirma que é o espaço que traduz ou expressa o tempo, o que é que se pretende dizer? Normalmente, que há um modelo mental que retrata as localizações espaciais e que metaforicamente pode ser aplicado às localizações no tempo.

No entanto, e como já vimos, esta é uma forma simplista e inadequada de ver o problema, já que tempo e espaço possuem organizatividade diferente: este é multivectorial (verticalidade, frontalidade, lateralidade, interioridade), enquanto aquele, o tempo, é univectorial porque unidireccional (Teixeira 2001: 457-460). Consequentemente, terá que ser apenas um vector espacial a representar o tempo. E assim é. Esse vector é precisamente o que suporta marcadores como *frente/trás*: a frontalidade.

Defendemos, no entanto, que para a frontalidade, não há apenas um modelo que configure as localizações *atrás/à frente*, mas vários (submodelos, digamos). Naturalmente que o modelo em que o movimento entra é aquele que irá servir de base para a representação do tempo através do espaço, já que no movimento se juntam precisamente estas duas dimensionalidades. É isto que se pretende dizer quando se afirma que a linha espacial representa a linha temporal.

Podemos, no entanto, perguntar: se é o modelo espacial dinâmico que representa o tempo e neste mesmo modelo existe sempre, forçosamente, o próprio tempo, até que ponto podemos falar de «representação»? Na verdade, só há representação quando o representado não tem que estar forçosamente junto do representante. Ora não é o **espaço** que representa o tempo: o interior branco de um círculo é uma figuração típica de um espaço, mas que nunca pode representar o tempo. Este só pode ser representado quando no espaço se delimita uma linha direccionada que representa o movimento que inclui o próprio tempo:

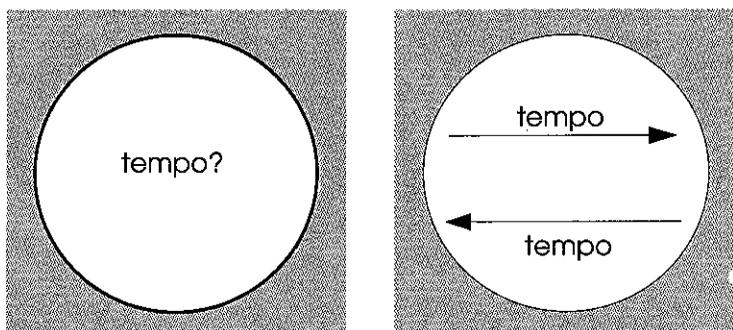


Figura 23

Isto quer dizer que não é a globalidade do espaço, mas sim o **espaço do movimento** que representa o tempo. Só que como no movimento há sempre tempo implicado, segue-se que o representado é indissociável do representante.

Isto acontece porque prototipicamente o tempo é traduzido pelo modelo dinâmico do vector espacial frontal. Cognitivamente é óbvio que assim seja. Será, então, impossível provar-se a intuição comumente partilhada que os modelos temporais se constroem alicerçando-se nos espaciais? No movimento, tal prova não é cabal, já que nele, como é reconhecido, o modelo espacial e o temporal aparecem imbricados. O ideal seria que um modelo estático do espaço pudesse representar o tempo; este seria configurado numa modelização oposta à modelização dinâmica tradicional.

Parece-nos que o confronto entre os marcadores da espacialidade frontal (*atrás/à frente*) e da temporal (*antes/depois*) nos poderão dar indicações interessantes a esse respeito.

Prototipicamente, a equivalência espaço-temporal entre estes marcadores é *atrás=antes, à frente=depois*. A intuição dos falantes vai no mesmo sentido<sup>3</sup>. A escrita ou a leitura servem-se muitas vezes destas equivalências:

(60) Como atrás (=antes, anteriormente) dissemos...

(61) Mais à frente (=depois, posteriormente) iremos verificar...

Em casos como este a conversão espaço-tempo é facilitada pelo facto de o sujeito da experienciação ser o escritor/leitor e ser relativamente ao espaço/tempo da enunciação (E/T En) que as configurações se fazem:

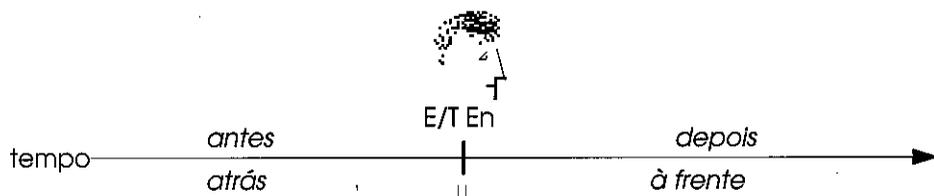


Figura 24

Mais complexo, e conseqüentemente mais interessante, é quando a configuração não se faz relativamente ao E/T En. Nestes casos, a ordenação espaço-temporal, porque se faz entre a Fg e um Cfg que não coincide com o sujeito da enunciação, pode configurar de forma diversa os elementos em causa.

Na maior parte destas situações, a correspondência é idêntica à anteriormente referida:

<sup>3</sup> Ver resultados do inquérito sobre as equivalências *atrás/à frente* implicando anterioridade/posterioridade (Teixeira 2001: 464:466).

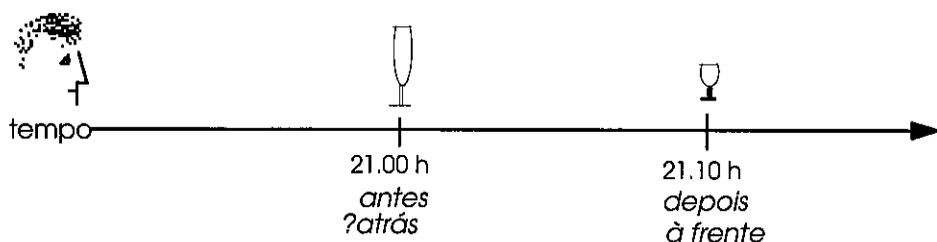


Figura 25

- (62) Primeiro bebeu champanhe e mais **à frente** bebeu vinho do Porto.  
 (63) Primeiro bebeu champanhe e **depois** bebeu vinho do Porto.  
 (64) ?Bebeu muito vinho do Porto, mas **atrás** já tinha bebido champanhe!  
 (65) Bebeu muito vinho do Porto, mas **antes** já tinha bebido champanhe!

Como se verifica, existe a totalidade de equivalência entre *atrás=antes* e *à frente=depois*, embora esta segunda seja mais usual que a primeira que só bastante dificilmente se pode considerar aceitável. A razão para tal é a mesma que atrás já vimos, quando verificámos que o «movimento configurativo» Cfg→Fg não deve ser oposto ao movimento que enforma o modelo.

Mas surpreendentemente, a equivalência *antes/atrás, depois/à frente*, na mesma situação e com os mesmos elementos, pode ser invertida (figura 26):

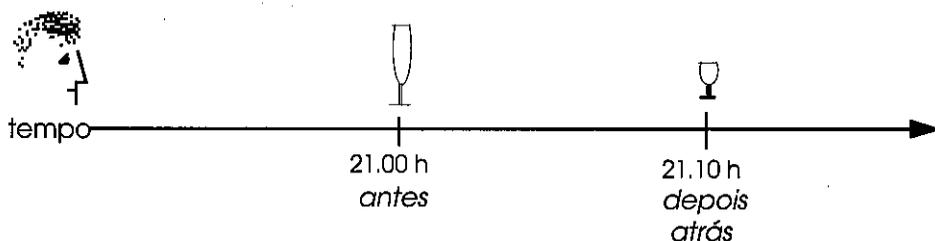


Figura 26

- (66) **Atrás** do champanhe, bebeu vinho do Porto.  
 (67) **Depois** do champanhe, bebeu vinho do Porto.

Se há pouco a equivalência era *atrás=antes*, agora é *atrás=depois*. Por outro lado, já não funciona o outro par complementar, *à frente=antes*:

(68) \***À frente do** vinho do Porto, bebeu champanhe.

(69) **Antes do** vinho do Porto, bebeu champanhe.

Em (68), *à frente* tende a ser interpretado como continuando a equivaler a *depois* e não a *antes*.

O que é que explica esta inversão de equivalências? Naturalmente que se trata de modelos mentais opostos. No primeiro caso, *atrás=antes* dentro do modelo espacial dinâmico; agora *atrás=depois* porque se insere no modelo estático. Por isso, o esquema não deverá ser o último que apresentámos, já que nele aparece indicado o vector de movimento. Terá que ser um que mostre que agora é o tempo que se subordina ao espaço, melhor, que se subordina a um modelo estático da espacialidade:

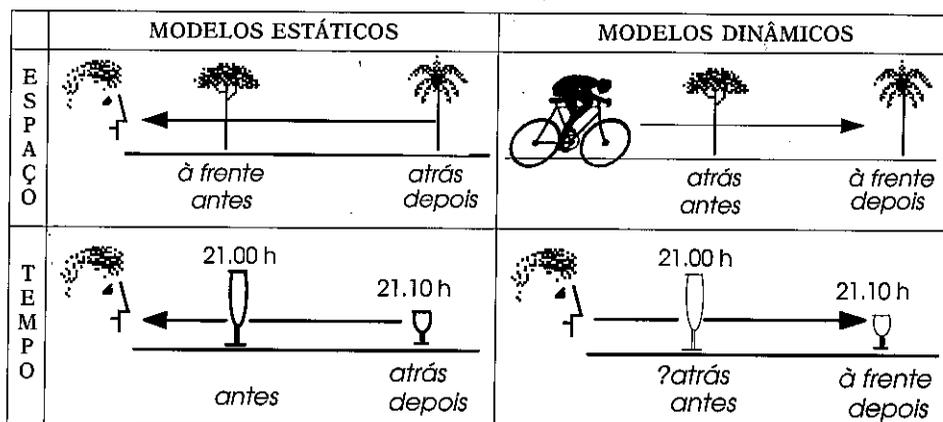


Figura 27

Repare-se que *antes/depois* resiste a todas as diferenciações entre os modelos e mantém-se como par de marcadores temporais representando sempre o mesmo modelo mental – a primariedade/secundaridade de experienciação.

Um outro dado interessante é o facto de nestes modelos temporais (não relativos a E/T En) ser difícil ou impossível substituir o marcador temporal *antes* pelo correspondente marcador espacial. Quando *antes* equi-

vale a *atrás*, a substituição, embora possível, não é muito frequente, roçando mesmo a inaceitabilidade (64) ?*Bebeu muito vinho do Porto, mas atrás já tinha bebido champanhe!*); quando a substituição equivaleria a à *frente* deixa de funcionar (68) \**À frente do vinho do Porto, bebeu champanhe, se à frente= antes*).

Isto parece demonstrar que não existe uma equivalência «equitativa» (passe o pleonasma) entre os marcadores temporais *antes/depois* e os espaciais *atrás/à frente* quando estes pretendem substituir aqueles. As equivalências da anterioridade tornam-se, como vimos, muito problemáticas (quando *antes=atrás*) ou mesmo impossíveis (quando *antes=à frente*).

A atracção pelos marcadores espaciais da posteridade (*posteridade=atrás*, umas vezes, *posteridade=à frente*, outras) comprova-se se atendermos ao facto, revelador, sem dúvida, de na mesma frase os dois marcadores espaciais opostos, se aplicados à temporalidade, tenderem a ser interpretados como sinónimos:

- (70) **Bebeu champanhe e logo atrás bebeu vinho do Porto.**  
(*atrás=depois*)
- (71) **Bebeu champanhe e logo à frente bebeu vinho do Porto.**  
(*à frente=depois*)

Pode argumentar-se que isto se deve simplesmente ao facto de as sequências temporais em estruturas coordenadas implicarem a sucessividade temporal. A ser verdade, isto seria já revelador da «fraqueza» dos marcadores espaciais aplicados à temporalidade retrospectiva: não se imporiam sequer a um valor tão débil como é a coordenação copulativa. Mas tal não acontece, já que se se inverterem os termos, as construções, a podem ser interpretadas, são-no da mesma forma (o que não aconteceria na coordenação):

- (72) **Bebeu vinho do Porto atrás de champanhe.** (*atrás=depois*)
- (73) **Bebeu vinho do Porto à frente de champanhe.** (*à frente=depois*)

Isto só pode acontecer porque o falante possui e domina sem dificuldade os dois modelos referidos da espacialidade, o estático e o dinâmico e consegue facilmente fazer a convertibilidade entre os mesmos:

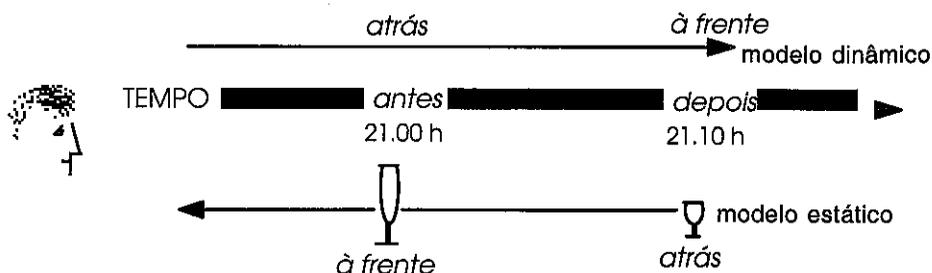


Figura 28

A possibilidade da convertibilidade não explica, no entanto, que **por princípio** o falante coloque **sempre** a Fg *depois* do Cfg, ainda que a mesma Fg seja situada *atrás* ou *à frente* do mesmo Cfg. A explicação deste funcionamento encontra-se no próprio estatuto das Fgs relativamente aos Cfgs: é que mesmo na dimensionalidade temporal se mantém a assimetria entre Fg e Cfg (Teixeira 2001: 244-246): este último, como é o ponto de referência, deve ser sempre mais «visível», cognitivamente mais saliente. Por isso mesmo, é que deve ser algo realizado em primeiro lugar, realizado no *antes*. Por princípio não é o *antes* que se posiciona em relação ao *depois*, mas o inverso. Se o *depois* for incerto e ainda não existir, como se pode configurar ou saber quando é o *antes*?:

- (74) Depois de três dias seguidos de sol, devem apanhar-se as uvas.
- (75) \*Antes de três dias seguidos de sol, devem apanhar-se as uvas.
- (76) Toma os comprimidos meia hora depois de sentires dores.
- (77) \*Toma os comprimidos meia hora antes de sentires dores.

Por isto mesmo, nos modelos em que o Cfg não coincide com E/T En, sempre que a Fg não é explicitamente verbalizada com um marcador temporal, mas com equivalentes espaciais (*atrás* ou *à frente*), estes, quaisquer que sejam, têm tendência a serem interpretados com o valor [posteridade] relativamente ao Cfg, considerado, por um **princípio cognitivo**, situado no *antes*.

É este funcionamento de modelos opostos do tempo (estático e dinâmico) que explica certas equivalências feitas, que atrás abordámos, entre *atrás*=anterioridade e *atrás*=posteridade (Teixeira 2001: 466-477). A frase *Fumando cigarro atrás de cigarro* é suportada exactamente por este modelo

estático do tempo. Equivale à que aqui nos serviu de exemplo (*Bebeu vinho do Porto atrás do champanhe*).

## 5. Concluindo

A análise feita permite-nos inferir determinadas conclusões que devem ser tiradas a partir da estruturação e do comportamento linguístico dos marcadores espaciais *atrás/à frente* quando traduzem a temporalidade em modelos em que o Cfg não coincide com E/T En.

1) A primeira, e talvez a mais importante, é que **o tempo pode ser expresso quer pelo modelo dinâmico, quer pelo(s) modelo(s) estático(s) do espaço**. Este facto reveste-se de suma importância, já que nos demonstra que é possível traduzir o tempo pelo espaço, mesmo quando, como acontece nos modelos estáticos, o próprio tempo não estrutura o modelo da espacialidade.

2) Nos modelos em que o Cfg não coincide com a situacionalidade espaço-temporal da enunciação (E/T En) não há equivalência ou simetria entre os marcadores espaciais e temporais: os marcadores da posterioridade temporal são dominantes relativamente aos da anterioridade, podendo estes ser mesmo inaceitáveis.

3) *Atrás/à frente* mantêm o valor espacial original; quando são usados como sinónimos temporais, isso implica que pertencem a modelos espaciais opostos, o estático e o dinâmico.

4) *Antes/depois* mantêm inalterado, em todas as situações e em todas as equivalências espaço-temporais, o seu valor sequêncio-temporal.

5) Mais genericamente, pode verificar-se como o significado/valor significativo de uma palavra só pode ser detectado tendo em atenção que modelos cognitivos o estruturam e como o estruturam linguisticamente. É impensável uma análise semântica que ponha de parte ou queira separar/isolar a dimensão cognitiva da dimensão linguística.

## Bibliografia

- BERTHONNEAU, Anne-Marie, 1993, «*Avant/après. De l'espace au temps*», in *Lexique 11 – Les prépositions: méthodes d'analyse*, Presses Universitaires de Lille.
- DOUSSET, Jacques, 1988, «Espace, Temps, Matière» in *Espaces*, Presses Universitaires du Mirail, Toulouse.
- ENGBERG-PEDERSEN, Elisabeth, 1999, «Space and Time», in ALLWOOD, Jeans e GÄRDENFORS (eds.), *Cognitive Semantics*, n.º 55 (1999), *Meaning and Cognition*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- HONDA, Akira, 1994, «From spatial cognition to semantic structure: the role of subjective motion in cognition and language», *English Linguistics*, 11, 1994, 197-219.
- HONRUBIA, José Luis Cifuentes, 1989, *Lengua y Espacio – Introducción al problema de la detxis en español*, Secretariado de Publicaciones, Universidad de Alicante.
- LASERSOHN, Peter, 1990, «Group action and spatio-temporal proximity» in *Linguistics and Philosophy*, Vol. 13, n.º 2, Abril 1990, pp. 179-206.
- SVOROU, Soteria, 1994, *The Grammar of Space*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- TALMY, L., 1983, «How language structures space», in H. Pick e L. Acredolo (eds.), *Spacial orientation: theory, research, and application*, Plenum Press, Nova Iorque.
- TEIXEIRA, José, 2001, *A Verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, Braga.
- VANDELOISE, Claude, 1986, *L'Espace en Français*, Éditions du Seuil, Paris.
- 1991, «Autonomie du langage et cognition», in *Communications*, n.º 53 (*Sémantique Cognitive*).
- 1993, «La couleur des prépositions: – Présentation», in *Langages*, n.º 110, Juin/93, Larousse, Paris.